



## Polícia-inglesa-do-sul

# *Sturnella superciliaris* (Bonaparte, 1850)

Alamanno Capecchi  
Itália

Na sala de recordações, entre tantas pequenas coisas e fotografias envelhecidas pelo tempo, eu tenho um pássaro “empalhado”. Ele está na parte mais alta da estante (“banchino”), uma espécie de escrivaninha rústica do início do século XVII, que foi feita para meu bisavô quando era criança: é um macho de polícia-inglesa-do-sul - *Sturnella superciliaris* (Bonaparte), 1850. (Sibley e Ahlquist, entretanto, mantêm o precedente gênero *Leistes* e o classificam como *Leistes superciliaris*.)

O polícia-inglesa-do-sul pertence aos Icterídeos, família Icteridae, que inclui também o gênero *Molothrus* (interessante porque nestes pássaros o parasitismo de incubação se manifesta mais ou menos marcado na segunda espécie). O dimorfismo sexual é evidente: no macho a gola e o peito são de um belo vermelho escuro, uma estria branca parte do olho e estende até o pescoço, no restante da plumagem predomina o negro. Na fêmea domina o marrom em várias tonalidades e o vermelho do peito é leve. O tamanho varia entre 17 e 18 cm. Vive numa área muito vasta que se estende do Peru ao Uruguai. Prefere zonas úmidas e palustres. Nidifica no chão, principalmente nos campos entre as moitas de capim, pondo de 4 a 5 ovos. Têm o hábito de levantar-se em voo na vertical sobre o ninho, cantando, como fazem as cotovias. A alimentação é constituída de larvas, insetos e várias sementes. Outra espécie muito semelhante é aquela classificada por Sibley e Ahlquist como *Leistes militaris* (Linneo a nominou *Emberiza militaris*). É de tamanho ligeiramente maior e o macho não tem as estrias brancas nos lados dos olhos. Alguns sistemáticos reconhecem somente para esta última as características de espécie e consideram a *L. superciliaris* subespécie. É sabido que numa matéria assim debatida não é, nem pode ser, uma classificação oficial, mas somente aquela do momento, aceita pela maior parte dos estudiosos. Como exemplo, o gênero *Leistes* foi incluído por Sibley na Família *Fringillidae*, enquanto em livros, também recentes, de autores brasileiros, este gênero foi colocado na Família *Emberizidae*. Depois desta breve observação, retorno ao protagonista deste simples artigo.

O macho, agora embalsamado, que com os seus olhos de vidro, incrivelmente vivos,

parece observar sobre o monitor enquanto escrevo, foi adquirido por mim já há muitos anos, em 1959, numa loja em Livorno (cidade marítima da Itália centro-setentrional). Fazia parte de um grupo de aves da América do Sul, todas belíssimas, calmas e em perfeitas condições.

Bem expostas em gaiolas individuais alinhadas numa estante, num plano que pareciam prontas para uma importante exposição. O revendedor me disse que pertenciam a um diplomata estrangeiro, apaixonado ornitólogo, que a contragosto foi obrigado a desfazer-se, já que por motivo de trabalho fora transferido para o exterior e por isto estavam à venda. Gostaria de adquirir mais de um, mas o preço pedido naquela época era muito alto. Contentei-me com o Polícia-inglesa-do-sul. Viveu por dois anos em viveiro externo durante a estação boa e, nos meses mais frios, num cômodo gaiolão no interior. Entre as tantas aves que possuí talvez tenha sido aquela que me deixou mais recordações, não somente quando vivo, pelo seu comportamento agradável e doméstico, mas também já morto, por uma tragicômica aventura na qual, de certo modo me envolvi.

Mas, andemos na seqüência: uma tarde, já nos últimos dias de setembro de 1961, durante uma inspeção de rotina no viveiro, encontrei o pobre Polícia-inglesa-do-sul morta aos pés de uma hera: ao lado de uma dezena de borboletinhas imóveis ou que pouco moviam as asas. Foi fácil compreender a causa da morte: tinha comido insetos envenenados. Rápido transferei as outras aves para outro viveiro protegido, apesar de serem granívoras, mas a prudência nunca é demais e, no dia seguinte, levei para embalsamamento o polícia-inglesa-do-sul. Na volta resolvi fazer uma caminhada pela praia. Vesti um calção, como se fazia então, fechei o carro e comecei a caminhada. A área estava deserta, o mar apenas encrespado por pequenas ondas e grandes nuvens brancas e cinzas se moviam lentamente no horizonte. Parecia uma daquelas paisagens marinhas que aparecem em cartões ou nos quadros à venda nas estradas, feitos por um pintor desconhecido. Pensei: “que cores irreais, que coisa absurda!”. Mais adiante lamentei não ter levado uma máquina fotográfica. Poucos dias antes tinha acontecido uma forte maresia e na praia havia uma grande quantidade de conchas grandes, brancas.

Caminhando me divertia em catá-las e arremessá-las na água. Depois vi duas gaivo-



tas que volteavam a poucos metros de mim e, num certo ponto, distraidamente, troquei as mãos e ao invés da concha joguei no mar a chave do carro! Estava numa praia deserta sem condições de recuperar minha roupa e voltar para casa. Pouco distante vi duas construções, “Colônias marítimas”, construídas por entidades eclesiais. Vi que alguém estava lá. Aproximando-me pensei: “estou com sorte”; mas não foi bem assim. Por uma porta, aberta subitamente, uma senhora de meia idade, magra, alta e olhada gritou: “Como ousa se aproximar com essa roupa indecente!”. Procurei explicar a minha situação, mas não me deu nenhuma atenção e parecia ter visto o diabo. Retomei a caminhada pela praia e finalmente encontrei um pescador que me deu calça e camisa do filho e algum dinheiro para eu telefonar de um bar vizinho. Depois de uma hora um amigo levou minha chave reserva.

Para finalizar esse escrito sobre polícia-inglesa-do-sul que está na estante há quarenta anos, me vem à mente um livro de Adolfo Padovan intitulado “Le Creature Sovrane” (“As Criaturas Soberanas”), no qual descreve a vida e a morte de grandes homens do passado. Na primeira página faz a dedicatória: “Aos jovens que esperam, aos adultos que agem, aos velhos que relembram este livro é dedicado”. Na velhice as belas recordações dão prazer, mas, às vezes ficam tristes porque os velhos não têm futuro. Para distrair-me olho pela janela: é um vai e vem ininterrupto de pardais, estorninhos e de andorinhas acudindo seus ninhos. Escuto distante a algazarra das crianças que jogam...

Tradução: PSF